



VISUALIDADES DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO NOS COTIDIANOS ESCOLARES

VISUALITIES OF GENDER VIOLENCE IN SCHOOL'S ENVIRONMENT

Hélida Costa Coelho

UFG, Brasil

helidacostacoelho@gmail.com

Resumo

Esta discussão tem por objetivo explorar possibilidades interpretativas das visualidades de violências de gênero ocorridas em escolas, a partir da análise de significados subjetivos da experiência e da prática cotidiana. A pesquisa utiliza como referencial teórico Abramoway (2012), que examina detalhes e especificidades sobre a violência nas escolas no contexto brasileiro; a revisão de Ribeiro (2017), ao expor modos de pensar sobre as construções sociais que foram historicamente marcadas por processos desiguais, com destaque para a violência de gênero; a análise de Alves (2003), que ajuda a compreender a diversidade e a complexidade dos cotidianos escolares e, ainda, o debate proposto por Dias (2016) na perspectiva da educação da cultura visual, sobre as visualidades no contexto escolar. Entrelaça conceitos e interpretações decorrentes das discussões obtidas a partir de um grupo focal (GF) sobre o potencial e os efeitos das imagens de violência, criam-se condições para discutir diferentes aspectos da violência de gênero em espaços formais e não formais de ensino. Busca-se através de perspectivas da cultura visual, como campo interdisciplinar de estudo, problematizar as visualidades sobre violência de gênero para estimular a formação de uma consciência crítica sobre a realidade.

Palavras-chave: visualidades de violência de gênero; cotidianos escolares; educação da cultura visual.

Abstract

This discussion aims to explore the interpretive possibilities of the visualities of gender violence occurring in schools, based on the analysis of subjective meanings of experience and daily practice. The research uses as theoretical reference Abramoway (2012), which examines details and specificities on violence in schools in the Brazilian context; the review of Ribeiro (2017), when exposing ways of thinking about social constructions that were historically marked by unequal processes, with emphasis on gender violence; the analysis of Alves (2003), which helps to understand the diversity and complexity of school everyday, and also the debate proposed by Dias (2016) from the perspective of visual culture education, about the visualities in the school context. Interlacing concepts and interpretations resulting from the discussions obtained from a focus group (GF) on the potential and effects of violence images, conditions are created to discuss different aspects of gender violence in formal and non-formal educational spaces. We seek through visual culture perspectives as an interdisciplinary field of study, to problematize the visualities about gender violence to stimulate the formation of a critical awareness about reality.

Keywords: visualities of gender violence; school's environment; education of visual culture.

Para início de conversa...

Em uma busca realizada em sites de notícias na internet usando as palavras-chave “violência em escolas”, é possível encontrar matérias e imagens de diferentes formas e tipos de

violência bem como situações de desigualdade em instituições educacionais espalhadas pelas diferentes regiões do país. Violência contra professores, violência sexual, de gênero, verbal, física, *bullying*, situações de preconceito, intolerância religiosa, falas de ódio, entre outras, se alastram pelas escolas. A questão inquietante é, o que as visualidades sobre violência podem instigar nas pessoas?

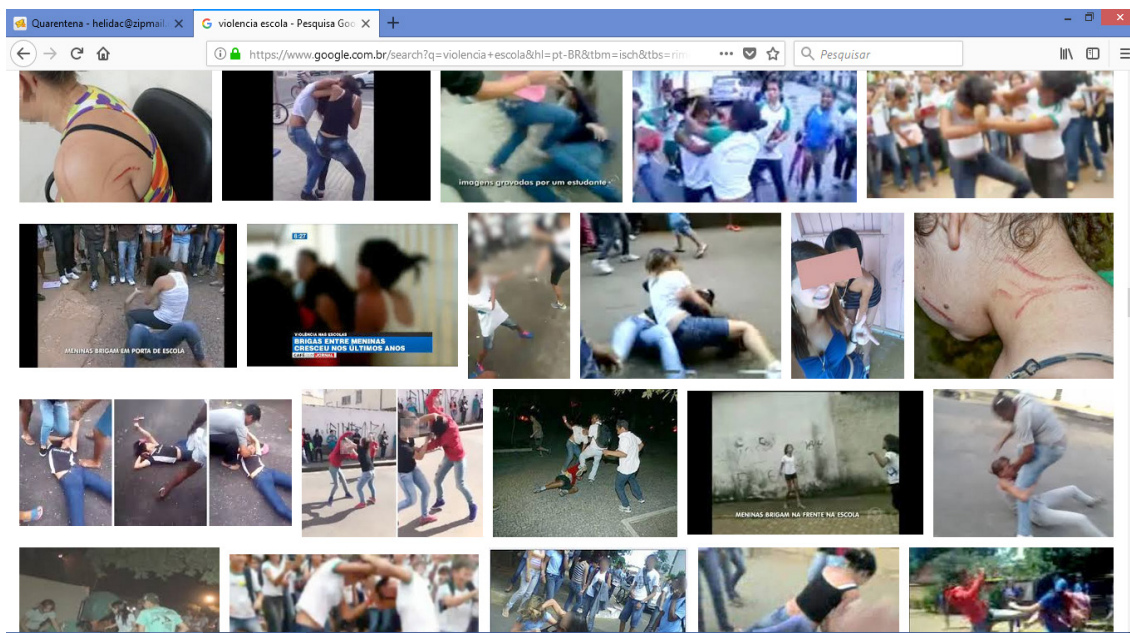


Figura 1: Imagens de violência em escolas.

Fonte: Site Google. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=violencia+escola&hl=pt->>. Acesso em dez. 2017.

Diante desse contexto, fica evidente a necessidade de discutir e problematizar essa temática em ambientes escolares e acadêmicos visto que, tais instituições são reconhecidas como espaços formais de aprendizagem, de convivência e socialização, espaços nos quais a sociedade assume a responsabilidade de educar e os indivíduos têm a expectativa de construir sonhos e realizar desejos que contribuam para a formação de suas identidades e subjetividades.

Este artigo tem por finalidade explorar possibilidades interpretativas das visualidades de violência de gênero que ocorrem em escolas a partir da análise de dados produzidos no contexto de experiências e práticas pedagógicas cotidianas. A discussão é um recorte da pesquisa de mestrado intitulada “As imagens de violência como fetiche no contexto escolar”, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual (PPGACV) da Universidade Federal de Goiás (UFG) que tem por objetivo a produção de significados que as imagens de violência podem suscitar ao serem tratadas como fetiche ou, as condições negativas de aprendizagem que instituem.

Produzir narrativas que “olhem” para o cotidiano escolar a partir de um processo “escuta” atenciosa as múltiplas “vozes” ressoadas no contexto, permite perceber, reconhecer e entender as diversas expressões culturais e seus dinamismos nesses espaços. De acordo com a educadora Nilda Alves (2003, p. 66), os

trabalhos que se preocupam com o cotidiano da escola e com os diferentes modos culturais aí presentes partem, então, da ideia de que é neste processo que aprendemos e ensinamos a ler, a escrever, a contar, a colocar questões ao mundo que nos cerca, à natureza, à maneira como homens/mulheres se relacionam entre si e com ela, a poetizar a vida, a amar o Outro.

Entretanto, contrariando as ‘virtudes’ do devir escolar de formação integral do sujeito aprendiz, os fatos que se apresentam em muitas instituições escolares expõem um quadro de implicância, agressão física, ameaças, palavras de ódio e falta de respeito com o ‘outro’ em proporções alarmantes nas diferentes manifestações de violência, bem como na categoria de gênero, na qual, formas desiguais entre homens e mulheres, evidenciam a violência que é praticada a pessoa ou grupo sobre a justificativa de uma base ética e moral a respeito de seu sexo ou gênero tendo impacto negativo em seu bem estar social.

Entre as várias pautas de reivindicação da categoria de gênero está o movimento LGBT¹ que se preocupa e acolhe vítimas de discriminação, mas que não é suficiente para amparar todas as questões que afligem esse grupo social.

É necessário respeito e atitude de todos os seguimentos da sociedade. Isso porque, as instituições escolares que deveriam exercer também essa função de cuidar, proteger e educar, muitas vezes, agem com elevados graus de repressão e hostilidade, na omissão desses debates, ou quando criam situações em que a formação de comportamentos violentos por parte dos estudantes, chega a ser incentivado e não refletido ou problematizado, situações derivadas por preconceitos, exclusão e repressão feitas por professores e estudantes reafirmam uma tendência à violência de maneira cada vez mais naturalizada.

A violência é um conceito complexo, mas que pode ser estudado como fenômeno social que encontra “raízes no sistema”, quando decorre de questões macrosociais e ou microsociais ligadas às interações e práticas na própria escola (ABRAMOWAY, 2006). Seguindo com base nessa concepção, é necessário discernir os diversos fatores que ocasionam a violência em escolas, como na própria motivação social, a banalização da violência, e ou até mesmo a intolerância com o outro.

Como contribuição para o processo de formação escolar, o campo de estudos da cultura visual compreende que as narrativas visuais podem ser tratadas como ponto de partida para a problematização da violência e, principalmente, para promover debates sobre relações de afeto e respeito com o ‘outro’, pois o exercício de produzir e interpretar imagens e narrativas visuais tem se revelado ferramenta importante na produção de diálogos e reflexões sobre o tema em questão.

¹ É a sigla de Lésbica, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros. Disponível em: <<http://www.observatoriodeseguranca.org/boas+praticas/brasil/conferencia>> Acesso em: 18 ago. 2018.

A educação da cultura visual tem provocado um olhar de suspeição sobre os espaços de ensino e aprendizagem ao suscitar e propor mudanças nos discursos pedagógicos dominantes e, conseqüentemente, na tessitura de saberes que podem colocar em perspectiva noções de respeito, alteridade e justiça social (HERNÁNDEZ, 2007).

De acordo com Dias (2016, p. 147),

a educação da cultura visual, como projeto político pedagógico, situa questões, institui problemas e visualiza possibilidades para a educação em geral. E isto só ocorre porque ela conduz os sujeitos à consciência crítica e a crítica social como um diálogo preliminar, que conduz à compreensão e então, à ação.

Faz-se necessária também, nos desafios das múltiplas experiências visuais da contemporaneidade, na mediação das imagens e visualidades que são produzidas, compartilhadas, midiáticas na busca por alternativas críticas e reflexivas da prática cotidiana. Explicar diálogos, com significados, imagens e visualidades de violências de gênero em escola a partir dos acontecimentos ocorridos dentro e fora do próprio contexto escolar pode desencadear importantes aprendizagens e mudanças de comportamentos de maneira positiva.

Cotidianos escolares

Os cotidianos escolares são formados por uma rede de significados que abrangem diferentes identidades (HALL, 2006). Refletir sobre as transformações pelas quais os estudantes passam e vivenciam nesses espaços implica em construir perspectivas considerando a diversidade de suas identidades religiosas, de gênero, bem como seus valores éticos e morais, suas condições sociais, culturais e econômicas.

Para pensar nestas questões, Alves (2003, p. 66) explica que,

ao mesmo tempo que reproduzimos o que aprendemos com as outras gerações e com as linhas sociais determinantes do poder hegemônico, vamos criando, todo dia, novas formas de ser e fazer que, “mascaradas”, vão se integrando aos nossos contextos e ao nosso corpo, antes de serem apropriadas e postas para consumo, ou se acumulem e mudem a sociedade em todas as suas relações.

Por meio deste pensamento, percebe-se que muitas relações de discriminação foram construídas e reforçadas por gerações, por isso é preciso estar em modo permanente de atenção às transformações dos contextos, criando possibilidades de relações sociais de humanidade, para não reforçar práticas discriminatórias instituídas no dia a dia.

A noção de violência nas escolas se refere à compreensão destas novas configurações que a sociedade contemporânea vem experimentando em decorrência das relações sociais. Charlot



(2002, p. 432), destaca que “a violência em escola não é um fenômeno radicalmente novo, ela assume formas que, estas sim são novas”.

A percepção da violência em escolas muda de acordo com o contexto e o modo como é abordada. Abramoway e Rua (2003) observam que o fenômeno da violência em escolas deve ser tratado a partir de variáveis “endógenas e exógenas”² colocando em perspectiva as especificidades das relações e dos processos sociais. Visualizar o fenômeno da violência de forma ampla e localizada delinea alguns aspectos e características de acordo com o contexto e os cotidianos dos alunos.

De acordo com Djamila Ribeiro (2017), existe uma complexidade nas muitas interações sociais e a potência de sistemas relacionados à opressão desencadeiam manifestações de violência que tem como matriz questões e temas como feminismo, desigualdade social, machismo, racismo, posição social, entre outros. Essas pesquisas são importantes porque nos ajudam a entender o contexto geral das diferenças e da diversidade na sociedade, mas, o exercício mais significativo nesse tipo de abordagem é a empatia e a atitude de se colocar no lugar do outro e perceber que em muitos casos se é o próprio outro.

No entanto, a localização dessa discussão tem o propósito “não hierarquizar opressões” (RIBEIRO, 2017, p. 13), e também não universalizar o conceito, mas de direcionar e problematizar as violências de gêneros que acontecem com frequência nos diversos cotidianos das escolas do país, considerando suas especificidades.

Dessa forma apresentar-se-á relatos referentes a um cotidiano específico de uma Escola³ localizada na Região Norte do país evidenciando a temática da violência de gênero. Trata-se de um recorte um recorte do trabalho realizado no campo de investigação a partir, da metodologia da etnografia e formação de grupo focal para a produção de dados (BARBOUR, 2009).

Para a formação do grupo focal, participaram da pesquisa oito colaboradores, estudantes que estavam cursando o 9º ano do ensino fundamental em 2017. Para preservar a identidade dos colaboradores, todos menores de idade, foi utilizado somente as iniciais de seus nomes como uma maneira de garantir o anonimato: N. V., N. J., A. C., L. F., W. B., K. C., J. C., e K. A. Nos dias 6 e 7 de novembro de 2017, foram realizados os encontros com o grupo.

Um dos objetivos dos encontros com o grupo focal foi provocar reflexões e despertar subjetividades sobre a temática da violência, identificando os vários tipos de violência que acontecem nas escolas sem relativizar o tema, mas principalmente de oferecer perspectivas aos colaboradores para se posicionarem na interação com a temática.

² Aspectos internos (questões de gênero; masculinidade/feminilidade; racismo; bairro; sociedade, etc.) e externos (idade; série; nível de escolaridade; Regras e disciplinas; punições; comportamento de professores, etc.) da sociedade na promoção da violência. (ABRAMOWAY; RUA, 2003, p. 24).

³ Escola Estadual Deusolina Salles Farias (EEDSF) na cidade de Macapá/AP, Escola campo de investigação da pesquisa de mestrado.

O relato (Quadro 1), descrito por alguns colaboradores, aponta exemplos de discriminações no cotidiano escolar. A discussão foi sugestiva à problematização da temática da identidade de gênero. Foi solicitado aos colaboradores relatos de violência de gênero nos quais eles haviam vivenciado, participado ou assistido a esse tipo de violência na escola.

Grupo focal com estudantes na EEDSF, Macapá /AP, 06/11/2018.

W. B.: essa vocês vão lembrar [...] da “Maria macho” [todos reagiram com risos] eu sabia que vocês iam lembrar [Risos].

L. F.: É assim [pausa]... Tem uma amiga da gente que gosta de mulher, ela quer ser homem, então a gente a chama de “Maria macho!” [Todos falando ao mesmo tempo].

H.C.(Mediadora): Mas o que acontecia? Ela sofria algum tipo de preconceito?

N. J.: É porque, tipo assim, ela gostava de umas coisas que os meninos também gostavam, esporte pra meninos. Vestia-se igual menino. Aí eles já ficavam xingando ela de Maria macho, e isso, não quer dizer, que ela tenha mudado de sexo, mas eles que não queriam entender, que ela não queria era ser mulher!

Quadro 1: “... então a gente a chama de “Maria macho!”

No fragmento acima, fica evidente o tom de ironia na fala dos colaboradores quando todos se reportam ao apelido da colega de “Maria macho”, entendida como uma menina que apresenta características e comportamentos classificados como masculinos. A agressão verbal, que acontece através de apelidos pejorativos, à pessoa que não segue aos padrões heteronormativos, são práticas comuns nos cotidianos escolares. Isto porque, a heteronormatividade é compreendida a partir da “reprodução de práticas e códigos heterossexuais, sustentada pelo casamento monogâmico, amor romântico, fidelidade conjugal, constituição de família (esquema pai-mãe-filho(a)(s)).” (FOSTER, 2001, p. 19, grifos no original).

A colaboradora N.J. destacou ainda que a colega apelidada de “Maria Macho” era uma pessoa triste e “esquentada”, normalmente partia para agressão, quando os colegas zombavam dela, na tentativa de se defender. Logo, ela saiu da escola e parou de estudar. O serviço pedagógico da escola só fazia intervenção quando havia briga, mas costumava ser omissa com o *bullying* que a estudante sofria.

Em seguida, foi apresentada uma coletânea de imagens de violência de gênero (Figura 2) e provocado novamente o diálogo e a reflexão referente às imagens. Os posicionamentos dos colaboradores foram mais tensos e narraram histórias de eventos tristes de discriminação sofrida por parentes. Referentes a discursos opressivos e de ódio a pessoas LGBT nos cotidianos familiares, escolares e religiosos.





Figura 2: Exemplos de situações de violência, 2017.

Fonte: Arquivo da autora.

Estas imagens sobre violências de gênero provocaram impacto e acessaram subjetividades que foram expostas nos relatos de alguns colaboradores do grupo focal, assim como se pode perceber no Quadro 2:

Grupo focal com estudantes na EEDSF, Macapá /AP, 06/11/2018.

J. C.: Essa contra o homossexual! Lembrei que o meu irmão foi criticado porque é homossexual, foi expulso da igreja evangélica que ele frequentava por causa disso.

N. J.: Na igreja não é permitido, mas também, nada a ver a pessoa expulsar da igreja.

W. B.: Eles se acham os donos da verdade.

N. J.: Porque eles não são os donos de lá quem é o dono é Deus, né?

K. C.: O meu primo, o nome dele era Thiago, primo de primeiro grau ele morreu há cinco meses. Ele era homossexual, mas tinha vergonha de contar para os pais porque eles não aceitavam. Quando meu tio descobriu a sua homossexualidade o agrediu fisicamente. Acontece que meu primo pegou HIV, e a doença afetou todos os seus órgãos e não tinha ajuda de ninguém por causa do preconceito. Essa doença o afetou muito, mas ele nunca falou pra mãe dele e nem para o pai o que ele estava passando.

Certo dia a doença agravou, se generalizou em todos os órgãos e ele morreu. A mãe dele sofreu muito, por isso se diz que a pessoa só se importa depois que perde. E isso aconteceu por pura negligência familiar. [Tristeza na fala e semblante]

Quadro 2: "... o meu irmão foi criticado porque é homossexual"

Nos exemplos citados ficam evidentes os efeitos da discriminação para aquele que se afirma LGBT em consequência dos discursos opressivos, de ódio, ataques e das possíveis violências sofridas nos cotidianos. Observa-se também que o fundamentalismo e o conservadorismo religioso provocado pelos religiosos, que adotam as interpretações dos livros sagrados como verdade absoluta e não conseguem dialogar com outras formas de pensar, contribuem nesse aspecto, para práticas discriminatórias. Como na fala do colaborador J.C. em que menciona a “expulsão” do irmão da igreja que frequentava. E mais ainda quando a colaboradora N.J. acrescenta que “na igreja não é permitido”, enfatizando os discursos opressivos construídos nestes espaços “ditos” sagrados.

Compreender que nas relações das inúmeras identidades e subjetividades as quais se apresentam dentro e fora das escolas à reflexão que se constrói, pode ser até provocada partindo de uma situação dramática. Como no exemplo dado pelo colaborador K. C. que descreve a falta de apoio da família e angústia sofrida por seu primo por omitir sua homoafetividade. As consequências do abandono e do desprezo pelos familiares por ter contraído o vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), até a manifestação da doença se generalizar e ele falecer.

Deste modo, é necessária atitude, principalmente das pessoas envolvidas com educação, a emergência de praticar mudanças para a convivência pacífica e o respeito mediante a diversidade que é formada a sociedade parte de atitudes imediata.

Assim, de acordo com Ruotti, Alves, Cubas (2006, p. 27) “o principal papel das pesquisas sobre essa temática é demonstrar que a violência que acontece não é casual, é socialmente construída e, por isso mesmo, pode ser previsível”. Partindo dessa premissa, na perspectiva de uma transformação desses conflitos, faz-se necessário uma mediação entre as experiências cotidianas e os afetos, na promoção de uma sociedade democrática e plural.

Após o debate houve o momento da produção de narrativas visuais (Figura 3), que foram problematizadas a partir das imagens de violência coletadas na internet e enviadas pelos colaboradores.



Figura 3: Colaboradores produzindo narrativas visuais, 2017.
Fonte: Arquivo da autora.

O que essas visualidades sobre violência podem provocar? Foram muitas as aflições levantadas e problematizadas na interação com o grupo focal, em que se gerou um debate desafiador, principalmente na reflexão de se colocar no lugar do outro, daquele que sofre opressões por conta de sua orientação sexual ou sua identidade de gênero, e no sofrimento que a violência psicológica e/ou física produz.

Não aspirar esse tipo de sofrimento e não provocar dor no outro foram respostas dadas pelos colaboradores. São inquietações como esta que a educação da cultura visual, como campo de conhecimento reflexivo e crítico busca suscitar e responder, para que seja possível oferecer possibilidades de mudanças e outras práticas sociais, outras formas de pensar a realidade e suas representações combatendo de frente desigualdades e opressões.

Perspectivas da educação da cultura visual e a valorização as diferenças.

As perspectivas no campo da educação da cultura visual sobre as visualidades da violência de gênero no contexto escolar entrelaçam interpretações em torno do potencial das imagens, suas insurgências e a problematização necessária nos espaços formais e não formais de ensino, isso porque as práticas visuais são possibilidades de entendimento do mundo.

Hernández (2007) diz que a sociedade contemporânea vive um novo regime de visualidade, em que, práticas educativas devem promover experiências reflexivas críticas. Ele afirma que é necessário um reposicionamento em relação às práticas artísticas e visuais. Lopes e Krauss (2010, p. 257) reforçam o argumento de Hernández ao afirmar que as

imagens se imbricam com os significados e com a dinâmica dos afetos, de modo que a relação homem/imagem é determinada por uma infinidade de regras sociais denominadas regimes de visualidades, ou seja, as formas de representar o mundo visível mudam de acordo com os regimes de visualidade de cada época e de cada lugar.

Nessa discussão sobre visualidades, ganham destaque às imagens de violências com seus significados e implicações, àquelas que todos os dias “invadem” os espaços escolares sem serem convidadas. Nesses locais não há espaço para “ações” visíveis e/ou invisíveis que, aparentemente, vão na contramão de disciplinas “instituídas”. No entanto, essa é uma prática mais comum do que se possa imaginar. As imagens e visualidades de violência estão presentes de maneira implícita e explícita nos *gadgets* eletrônicos e nos comportamentos dos sujeitos escolares, incluindo os profissionais de educação.

Vale ressaltar que imagens podem ser mais do que representações culturais ou de uma realidade. Segundo Mitchell (2015, p. 167), as



imagens são marcadas por todos os estigmas próprios à animação e à personalidade: exibem corpos físicos e virtuais; falam conosco, às vezes literalmente, às vezes figurativamente; ou silenciosamente nos devolvem o olhar através de um abismo não conectado pela linguagem.

Desse modo, as imagens deslocam muito mais do que informações abertas e visíveis, elas constroem subjetividades e interpretações únicas. As imagens sobre violência estão presentes no dia a dia das escolas. Entretanto, elas não são comuns nas práticas pedagógicas em sala de aula, pois não fazem parte do repertório didático utilizado pelos professores. Quando são utilizadas ou discutidas, sempre ganham um viés ou sentido pejorativo. Na educação formal imagens que reverberam violência são excluídas por não fazerem parte do “discurso pedagógico” nas escolas ou, são tratadas de maneira a ocultar esse tipo de ocorrência.

Como afirma Heloisa Lins (2014), as imagens, estão longe de serem neutras, são materializações de intencionalidades subjetivas e marcações ideológicas. Ou seja, as significações dadas às imagens podem obstruir a forma como vemos, pensamos e agimos sobre elas e a partir delas. Por isso, a necessidade de refletir sobre as imagens que invadem esses espaços, questionando as instituições que manipulam o direito ao olhar ou, como acontece nas escolas, que propõem “disciplinarizar olhares”.

Nesse sentido, a educação da cultura visual se opõe a disciplinarização do olhar, pois suas perspectivas favorecem a compreensão de múltiplas experiências visuais e as possibilidades de transformação via mediação em contextos diversos. Pois, como argumenta Dias (2016, p. 148), a

educação da cultura visual exalta uma característica da visualidade que se refere à forma como nós olhamos e somos olhados pelo mundo e, ainda como esse processo da visão é particularmente relevante para a formação do conhecimento, uma vez que estamos sempre constituindo e sendo constituído por ele.

Problematizar as visualidades de violências de gênero e suas reverberações, como prática visual, aprofunda e amplia as discussões do campo de pesquisa da educação da cultura visual além de contribuir para outros campos de estudos.

O ensino de arte como disciplina obrigatória do ensino fundamental e médio, por exemplo, pode ser um articulador da relação entre as várias formas de cultura visual, principalmente na interação com a realidade. É imprescindível compreender como essas imagens impactam os estudantes, que influência exerce sobre eles e para eles.

A criatividade se faz necessária para produções de narrativas visuais que promovam autorreflexão sobre a potência das imagens de violência, examinando o modo como elas podem influenciar identidades e subjetividades na construção da sociedade.



As imagens de violência que circulam na mídia e redes sociais podem e devem ser problematizadas e discutidas com os participantes do cotidiano escolar. De acordo com Tavin (2009, p. 229), “a cultura visual constitui um instrumento eficaz para que os professores e alunos analisem questões de justiça social e se engajem com princípios democráticos”. Pensar na diversidade social que formam os cotidianos escolares é compreender a importância do respeito às diferenças das múltiplas identidades, na busca pela igualdade de gênero na promoção da cidadania.

As narrativas visuais podem ser o ponto de partida para a problematização da violência e principalmente em relação ao afeto e respeito com o outro. O exercício de produzir imagens que promovam diálogos para compreender as relações sociais e os espaços nos quais elas se dão, pode auxiliar a mudar, pedagogicamente estes contextos.

Nesse sentido, “compreender a condição cultural (contemporânea), suas manifestações materiais e simbólicas e o efeito que ela exerce sobre nossas identidades sociais e coletivas” (TAVIN, 2009, p. 225) pode gerar perspectivas desafiadoras de repensar essas visualidades. Pode, também, aguçar a crítica a essas imagens, aos dilemas da violência de gênero criando outras possibilidades interpretativas que nos ajudem a construir uma sociedade mais justa e humana.

Considerações finais

A intenção deste estudo é compreender as condições que geram ou estimulam práticas e imagens de violência de gênero nos cotidianos escolares e mostrar que o preconceito e a discriminação aos estudantes LGBT acontecem com frequência nas instituições de ensino, mas, também, fora deles. É necessária uma mobilização urgente para mudar essas práticas, visto que se intensifica cada vez mais a recorrência desse tipo de conflito que impõe sofrimento a pessoas cuja preferência ou escolha foge a padrões heteronormativos.

Compreender os possíveis fatores que ocasionam a violência de gênero exige uma postura de tolerância, de respeito à alteridade, enxergando as muitas possibilidades de amar, sem a expectativa de que as pessoas se adequem a um comportamento padrão, mas principalmente respeitando o outro e a diferença como riqueza da sociedade.

A prática pedagógica de produzir narrativas visuais é um caminho para pensar na problemática da violência de gênero e as visualidades que se constroem a partir dela. É uma alternativa para construir outras formas de entendimento e de abordar esse fenômeno social, transformando uma temática polêmica em prática pedagógica que favoreça o ensino e aprendizagem de alunos e professores no cotidiano escolar.



Referências

ABRAMOWAY, Miriam (Coord.). **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação, 2006.

_____. **Conversando sobre violência e convivência nas escolas**. Rio de Janeiro: FLACSO – Brasil, OEIL, MEC, 2012.

ABRAMOWAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas: versão resumida**. Brasília: UNESCO Brasil, REDE PITÁGORAS, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2003.

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. **Rev. Bras. Educ.**, Ago 2003, nº. 23, p.62-74.

BARBOUR, Rosaline. **Grupos focais**. Tradução de Marcelo Figueiredo Duarte. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**. Dez 2002, n.8, p. 432-443. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2018.

DIAS, Belidson. Arrastão: o cotidiano espetacular e práticas pedagógicas críticas. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). **Cultura visual das imagens: desafios para a arte e para a educação**. 2. ed. rev. e ampl. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2016.

FOSTER, David. Consideraciones sobre el estudio de la heteronormatividade en la literatura latinoamericana. **Letras: literatura e autoritarismo**, Santa Maria, n. 22, jan./jun. 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual: transformando fragmentos em uma nova narrativa educacional**. Tradução Ana Duarte. Porto Alegre: Mediação, 2007.

LINS, Heloisa A. de M. Cultura Visual e pedagogia da Imagem: recuos e avanços nas práticas escolares. **Educação em Revista**. v.30. n.01. mar. p. 245 – 260. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982014000100010>. Acesso em: 06 de set. 2017.

LOPES, Marcelo; KRAUSS, Regina. O sujeito e a visualidade: parábolas do olhar contemporâneo. **Visualidades: Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual I Faculdade de Artes Visuais I UFG**. V. 8, n.2. Goiânia/GO: UFG, FAV, 2010, 251-267.

MITCHELL, Willian. O que as imagens realmente querem? In: ALLOA, Emmanuel (Org.). **Pensar a imagem**. 1. ed.; reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 165-190.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

RUOTTI, Caren; ALVES, Renato; CUBAS, Viviane de Oliveira. **Violência na escola: um guia para pais e professores**. São Paulo: Andhep: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

TAVIN, Kevin. Contextualizando a visualidade na vida cotidiana: problemas e possibilidades do ensino de cultura visual. Tradução Gisele Dionísio da Silva In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.).

Educação da cultura visual: Narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2009, p. 225-239.

Minicurrículo

Hélida Coelho

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual (PPGACV), pela Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás-UFG. É licenciada em Educação Artística pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). É professora concursada da rede pública de ensino do estado do Amapá.

